

EDUCAR NA RELIGIOSIDADE: PESQUISA E EXPERIMENTO COM UNIVERSITÁRIOS*

Jorge Claudio Ribeiro**

Resumo

Este artigo discute aspectos da pesquisa “Perfil da religiosidade de jovens universitários – um estudo de caso na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo”, conduzida há dez anos. O objetivo dessa investigação é compreender a experiência religiosa de jovens, especialmente universitários, inseridos na modernidade, ao mesmo tempo secular e sedenta de sentido para a existência. Nosso ponto de partida é o conceito de religiosidade, entendida como “capacidade humana, histórica e culturalmente determinada, de elaborar sentidos para o conjunto da existência”. Essa compreensão se nutre das ideias de Georg Simmel (1858-1918). Aqui foram deixados de lado os dados quantitativos e reflete-se sobre estratégias e experimentos educacionais apoiados na religiosidade jovem.

Palavras-chave: Religiosidade. Religião. Modernidade. Juventude. Educação.

APRESENTAÇÃO

A experiência da juventude contemporânea, do ponto de vista geracional e como trajetória singular, tem sido cada vez mais o berço de seus ensaios de elaboração de sentidos para a existência. Ao longo de seus percursos, os(as) jovens reivindicam liberdade ante as mediações religiosas, seja para criar suas representações do transcendente, seja para aderir de novo às tradições herdadas. Para atender às próprias necessidades espirituais, a juventude faz o amálgama de materiais diversos, tais como a cultura mundializada, as condições econômico-sociais e as ocorrências do cotidiano – desse conjunto resultam modos de compreensão do mundo e de inserção nele.

Este artigo pretende explorar como ocorre esse processo vital entre os jovens e tem como base o livro “Religiosidade Jovem” (no prelo), que reúne os resultados da pesquisa “Perfil da religiosidade do universitário – um estudo de caso na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo”¹. Nosso grupo propôs uma concepção de base, para religiosidade, como “uma capacidade humana, histórica e culturalmente determinada, de elaborar sentidos para a totalidade da existência”. Essa compreensão se nutre das ideias de Georg Simmel².

Nossa pesquisa começou em 1997, e, após elaboração conceitual e pré-testes, foram feitas aplicações de um questionário, nos anos de 2000 e 2004, junto a 1.032 e a 520 universitários respectivamente. Em 2008, foi realizada a terceira coleta quadrienal com vistas a uma série histórica. Essa investigação deu-se no bojo da experiência docente exercida pelo Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP, com a disciplina *Introdução ao Pensamento Teológico* (IPT). O *locus* desse trabalho é uma instituição que manteve estreita colaboração – inclusive

* O presente artigo reúne partes da obra “Religiosidade Jovem”, de autoria de RIBEIRO, Jorge Claudio, coedição Olho d’Água e Loyola (no prelo).

** Doutor, professor titular do Departamento de Teologia e Ciências da Religião, PUC - SP, bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq).
jorgeclaudio@olhodagua.com.br

de resistência política – com a arquidiocese paulistana, notadamente durante o período de D. Paulo Evaristo Arns (1970-1998); a universidade acolhe estudantes de todo o país e se insere numa metrópole plural como São Paulo. Tais condições contribuíram para um clima secularizado, provavelmente mais intenso que suas congêneres no Brasil.

A proposta pedagógica da disciplina IPT surgiu, pois, numa época de intenso questionamento de valores, pela sociedade e pela juventude. Atendendo a um público universitário que se caracteriza como plurirreligioso, urbano e hipercrítico, a prática dessa disciplina abriu espaço para a percepção de uma complexa religiosidade³. Nesse contexto educacional, mesclaram-se práticas, intuições e teorias que caracterizaram nossa pesquisa. Pretendeu-se, com nossa investigação, conhecer os traços principais da religiosidade de universitários no interior da modernidade globalizada, propor perspectivas educacionais e lançar pontes para compreensão de outros segmentos juvenis.

Embora um estudo de caso seja, *per se*, identificado com seu ambiente de origem, serve para dialogar com a comunidade acadêmica e educacional, para que dele se utilize e o aperfeiçoe.

1. *INSIGHTS*

À semelhança da radiação de fundo no cosmo, o relato da vocação de Samuel vem pulsando ao longo de nossa pesquisa (1 Sam.3 e ss.). Na passagem bíblica, o jovem é acordado por um chamado e, crendo atendê-lo, de imediato se apresenta ao sacerdote Eli, que dorme em aposento contíguo. “Eis-me aqui”, diz Samuel. “Não te chamei, torna a deitar-te”, responde o sacerdote. Ressoa um segundo chamado e se trava um diálogo idêntico. Na terceira vez, Eli dá-se conta do que ocorre e desvela ao jovem o significado daquele momento: “Se alguém te chamar, dirás: ‘Fala, Senhor,

teu servo te escuta”’. E assim fez Samuel, e assim recebeu sua missão diretamente da boca de Javé.

Inspirados nessa narrativa, durante nossa trajetória docente, intuímos que a juventude vive profundas e contraditórias experiências de sentido e, com frequência, não consegue identificar sua dimensão sagrada; oscilante em seus *insights*, o jovem confia pouco na própria religiosidade, desperdiçando energias e referências que poderiam contribuir para sua trajetória. Mais adiante, nosso estudo mostrou que, ao compreender as forças mobilizadas pela religiosidade dos jovens, o educador pode ajudá-los a nomear suas experiências e contribuir na elaboração de sua identidade.

Sendo a religiosidade uma energia humana, ela é educável e pode ser uma poderosa aliada no processo educativo – se laico ou formalmente religioso, tanto faz. Às vezes vivenciada de modo não consciente, a religiosidade é decisiva para que o jovem mergulhe em seu presente e se abra para o além-de-si (a sociedade, o futuro, o transcendente). Não cabe ao adulto manipular uma dimensão que deve inspirar-lhe reverência; trata-se de abrir portas para o educando tirar suas consequências, tornar-se cada vez mais humano, inserir-se na sociedade, na história e comprometer-se com o próprio crescimento.

Uma pedagogia apoiada na religiosidade deveria assimilar a dinâmica contemporânea da individualização e da subjetivação, surgida no bojo da desregulação das instituições tradicionais produtoras de sentido. O fato de as sociedades modernas se terem apartado da religião, e as esferas da existência terem conquistado autonomia, não significa que os educandos “tenham liquidado sua necessidade de dar-se sistemas de significações que lhes permitam transmitir, bem ou mal, a sucessão descontínua de suas experiências num percurso dotado de um sentido” (HERVIEU-LÉGER, D., 2001, p. 10).

A consideração do fazer educativo fundado numa religiosidade “naturalmente” humana pode promover uma aproximação entre a diversidade religiosa e algumas

conquistas da modernidade, como a ética de um universal humano, trans-religioso e trans-filosófico. No Brasil, o Projeto Juventude propôs a divulgação de conteúdos sobre a história das religiões e seu papel na sociedade brasileira; a afirmação da liberdade religiosa como requisito da democracia política; a adoção de uma perspectiva ecumênica e de valores no ensino religioso adotado pela escola pública; a consideração do fator religioso em programas de solidariedade voltados para a vulnerabilidade social juvenil. Assim também, o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (1997, p. 44-46) defendeu uma ética pluralista para favorecer a compreensão dos diferentes símbolos religiosos na vida e na convivência das pessoas e grupos, compreendendo que pela simbologia se expressa a ideia do transcendente de maneiras diversas nas experiências culturais e reverenciando as diferenças do outro.

Essas propostas apoiam a possibilidade de trabalho no nível da religiosidade e viabilizam parâmetros de teor ecumênico para guiar seu público.

2. SIMMEL

Os postulados simmelianos foram decisivos na interpretação dos resultados de nosso estudo. Nele, a principal contribuição do filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918) foi fornecer respaldo teórico ao conceito de religiosidade que, no início da pesquisa, se resumia a uma intuição. A reflexão desse pensador ofereceu uma via de duas mãos entre a experiência religiosa geral e a de nossos jovens. A religiosidade é uma dimensão necessária para nossos sujeitos elaborarem sentidos em sua existência, mergulhados que estão numa cultura que apresenta inegável tendência à secularização. Ao mesmo tempo, uma disposição “piedosa” aflora em situações de alteridade, sobretudo as que envolvem a família e os amigos e que frequentemente atingem o nível de sacralidade.

Simmel se refere à fé prática, que nossos jovens entendem como uma atitude “humana” e cerne de sua

religiosidade. Em vários depoimentos, eles reconheceram que algum tipo de fé lhes é imprescindível para as opções estratégicas em suas vidas. Para quem já se desloca por ambientes desconhecidos e ensaia projetos rumo à autonomia, a fé prática significa confiar – num ser superior, na vida, em si mesmos, nos outros, no futuro. Ademais, boa parte dos sujeitos atribui nítida prevalência da fé sobre as formulações religiosas.

Em várias ocasiões nossos sujeitos apresentaram vivo desconforto ao confrontar questões atuais com as tradições religiosas que herdaram. Uma das manifestações mais frequentes dessa disposição é afirmarem que a crença deles não é a única verdadeira. Por isso, os jovens fazem intensa crítica ao modo de agir das igrejas concretas. Ao perderem a influência sobre muitos universitários, as religiões deixam um espaço aberto para a expressão individualizada da religiosidade fundamental; esta permanece como pano de fundo sobre o qual eles costuram retalhos de crenças de várias origens e elaboram sentidos singulares para sua trajetória. Nesse sentido, estando as sociedades ocidentais carentes de sentido, e sendo a religiosidade capaz de secretar sentidos, esta assume total importância.

Também nas imagens do transcendente nossa pesquisa se aproxima de Simmel. Cerca de 88% de nossos sujeitos admitem crer em Deus, mas suas representações do transcendente têm feição variável e resultam da confluência entre diversos fatores, como suas vivências singulares, sua recém-adquirida condição de universitário e sua situação sócio-cultural. Dentro de um clima que remete ao panteísmo estético simmeliano, a maioria dos jovens pesquisados cultua sobretudo “um ser superior”, em seguida “uma forma de energia” e, com menor peso, “um ser pessoal”.

3. EDUCAR NA RELIGIOSIDADE

As vivências de religiosidade são uma base para o diálogo desses sujeitos entre si e com a sociedade. Ante eles, o mundo adulto procura impor à juventude um sem-número

de repertórios pré-definidos (profissionais, amorosos, religiosos, políticos e artísticos), os quais o jovem tem pouco interesse em assimilar, pois está motivado a aferir até que ponto esses códigos o ajudam em suas passagens.

Nossos universitários vivem a aventura e os percalços da invenção de si e de valores como um crédito quase incondicional à vida, dotada de sentido; a sacralidade da luta pelo que acreditam; a energia suscitada na alteridade; a relativização das religiões; a relação confiante com um ser superior.

O Samuel pós-moderno continua sozinho ante o desconhecido radical. A juventude atual não identifica o autor do convite, mas acolhe forças misteriosas deflagradas ao longo de sua inserção na sociedade, na natureza, em relacionamentos nascentes e nas manifestações estéticas. A vivência juvenil é um desafio para o educador, acostumado a abordagens mais complexas: embora tenha perdido parte do frescor da novidade, ele mesmo acumulou saberes que lhe possibilitam avançar em meio a uma dinâmica frequentemente assustadora. É provável que os educadores percebam um significado sagrado nos avanços cotidianos de seus educandos. Ao se espelharem mutuamente, ambos tornam-se companheiros de jornada, cada um a seu modo.

3.1. PROPOSTAS

Nossa pesquisa tentou abrir pistas para uma didática da religiosidade. Para tanto, um primeiro passo é considerar materiais presentes na experiência singular dos estudantes: valores, impasses, memória, epifanias, símbolos, rituais e representações. Nesse ambiente, o jovem aprende a identificar sentidos pouco consignados.

Um primeiro passo nessa didática é refletir sobre a alteridade experimentada na sociabilidade juvenil e abri-la para contextos mais amplos. Na exposição de si mesmo e na acolhida do outro ocorre a expansão do ego e do aqui-agora: para tanto, a *partilha* é um instrumento pedagógico que ajuda a sacralidade a aflorar. Como ensinava

Durkheim (1989), fé é calor, superação do indivíduo e as crenças só são ativas quando compartilhadas.

Numa segunda etapa, seriam pesquisados os contextos que envolvem religiosidade. São sugeridos estudos em grupo envolvendo temas como a presença da ideia de energia em determinado contexto; práticas de bricolagem e sincretismo religioso; experiências da finitude; religiosidade e relação com a arte, a política, a solidariedade e as religiões; a cultura do consumo.

Enfim, podem ser realizadas variações da partilha. Inicialmente, a aplicação, na própria escola, de um levantamento sobre a religiosidade individual. Pedagogicamente trabalhados, os dados podem suscitar autoconhecimento, respeito à diversidade e tolerância. Em seguida, a promoção de uma “Feira das Religiões”, à semelhança da tradicional Feira de Ciências escolar, com apresentação da diversidade religiosa presente na comunidade escolar e em seu entorno.

Esse quadro desafiador também gera oportunidades e alternativas. A partir das relações próximas, propiciam o surgimento de ocasiões ou objetos “poderosos” que potencializam a “emoção das profundezas”, anotada por Durkheim (HERVIEU-LÉGER, 1999, p. 74). Tal como uma glândula, a religiosidade jovem secreta símbolos, rituais e mitos que são pontes até a alteridade e o diálogo com a modernidade.

A seguir, será apresentado um experimento pedagógico em que se procurou construir uma educação apoiada na religiosidade jovem. Esse experimento teve vários desdobramentos, como a exposição “TempLos Modernos” e o “Relato de uma Prática de Solidariedade”, tema de próximos artigos.

4. O JOVEM E O DEUS DAS PEQUENAS COISAS⁴

De modo imprevisto, durante uma aula, eis que afloram miúdas epifanias. Inspirada em nossa pesquisa,

e anualmente reiterada ao longo de uma década, uma atividade didática ergue uma ponta do véu que encobre a religiosidade do universitário. Como ponto de partida, são apresentadas três propostas aos alunos: que tragam para a aula os *objetos poderosos* que levam próximos de si ou em seu corpo; que revelem seus rituais preferidos; que explicitem os significados desses objetos e rituais⁵. Surpreendentemente, chegam objetos em profusão: a surpresa decorre da generalizada impressão de que o universitário – devido a seu nível cultural e social e a uma imagem de rebeldia – nutre aversão a “revelações” e as encara com suspeita racionalista, típica da modernidade e também da Academia. No entanto, foi constatado que muito poucos jovens, uns 3%, não portavam nenhum objeto desse tipo.

A intensidade e amplitude dessas “formas elementares da vida religiosa”, desses totens individuais, abriu espaço para riquíssimas pistas pedagógicas. Sendo que os sentimentos coletivos só se tornam autoconscientes quando se fixam em objetos exteriores, esse experimento revelou características da religiosidade jovem. É interessante constatar que os símbolos e rituais relativos a cada pessoa não tinham origem religiosa estrita, e com frequência provinham de ambientes profanos, como a indústria cultural.

Mediante uma bricolagem generalizada, são reunidos objetos oriundos de religiões diferentes da originária do estudante, sinal de que esse material se refere menos a crenças formais e mais a práticas destinadas a suscitar energia e proteção. Sensíveis ao mistério da vida, os jovens consolidam subjetivamente marcos de memória que explicitam mitos de sua origem e de sua destinação. Sobre essa base, celebram forças nascidas de circunstâncias muito concretas, como o amor e a amizade. O que não é pouco, considerando-se o líquido contexto pós-moderno.

Um fruto pedagógico imediato dessa atividade foi uma partilha sem preconceito sobre significados ocultos de vivências “selvagens” de religiosidade. Com a ajuda do educador, e superando seu solipsismo inicial, muitos

estudantes experimentaram uma tríplice des-centração: constatação de que também os colegas têm uma rica vida simbólica; identificação de objetos comuns, embora ancorados em histórias e significados singulares; abertura à dinâmica cultural de sociedades humanas. Nesse experimento foram identificados símbolos, rituais e mitos.

4.1. SÍMBOLOS

A princípio tímidos, os estudantes adquirem crescente desenvoltura à medida que os depoimentos dos colegas se sucedem. Logo, seus pequenos tesouros brotam das carteiras e bolsas, e, sem inibição, são exibidas marcas no próprio corpo. A profusão e a variedade de amuletos são sinais de uma realidade complexa. Para compreendê-la, os materiais são agrupados em três categorias: individual, familiar e relativos aos amigos.

Dentre os objetos de uso *individual* e corporal, destacam-se pedras e cristais de diversos formatos, chaveiros com símbolos, terços, crucifixos, fitinhas do Senhor do Bonfim, santinhos, escapulários, velas de várias cores, anéis de namoro, mechas de cabelo, pulseiras, colares, cordões no tornozelo, chaves, relógios, óculos, livros, gibis, diários, CDs e instrumentos musicais, brinquedos e objetos de infância (bonecas, animais de pelúcia, fraldas e cobertores), álbuns de fotos, recordações de viagem, folhas secas. São mencionados alimentos especiais, perfumes e cremes, roupas íntimas, camisas da Seleção de 1970 de futebol ou do próprio time, tatuagens, *piercings* e até alterações corporais.

Uma segunda classe de símbolos remete ao cotidiano *familiar*. A casa, em si, é simbólica e palco de objetos que significam passagem: a chave da porta, o mesusá na soleira. A moradia aglutina os elementos individuais que são sacralizados em ocasiões envolvendo sociabilidade. Nesse “pequeno mundo” se celebra a memória e a identidade, durante as refeições, a fruição da música ou a assistência à TV. A casa abriga plantas (cujo

cuidado é confiado de mãe para filha), cristais energéticos (“cultivados” como seres vivos), xícaras e pratos de exclusivíssimo uso, e roupas antigas (herdadas dos adultos e usadas pelos jovens em momentos especiais). Para quem migrou de outra cidade, a distante casa dos pais ou de parentes ancora um significado ancestral, lugar bom que sempre se procura visitar.

Nesse cenário, alguns recantos se destacam. O próprio quarto (“é a minha cara”) é um nicho repleto de significados: nele ocorrem momentos de passagem (adormecer, acordar), bem como rituais variados; nas paredes há painéis em que são afixadas fotografias de ocasiões envolvendo pessoas queridas; aí se acende incenso, se acumulam livros e imagens ligadas ao devaneio, à meditação e à audição privada de música. No quarto, às vezes há um oratório ou uma “caixa com coisas”, lembranças da infância e um telefone-sem-fio que permanece em *stand-by* durante o sono⁶. Transformado em utensílio pessoal, o computador ajuda a adquirir conhecimentos e potencia contatos com o resto do mundo – foi mencionado um endereço eletrônico ligado a experiências místicas (*nome@caminhodesantiago.zzn.com*). Outro recanto especial é o banheiro, onde se faz a higiene física ou espiritual, mediante banhos esotéricos com sal ou ervas, ocasião em que se reflete e se reza.

A terceira categoria de *objetos poderosos* remete aos *amigos*, verdadeiras portas de acesso ao “vasto mundo” social. Diferentemente da família, as amizades ainda tiveram pouco tempo de acumular objetos que, mesmo assim, carregam intensos significados. Nossos estudantes valorizam fotos, mochilas, cartas manuscritas e presentes de todo tipo, que são lembranças de vivências em comum, como viagens, refeições, conversas de bar, esportes e festas.

Há coisas que se pode denominar “não-objetos”, por estarem quebrados e, portanto, sem utilidade. Mesmo assim, foram ressignificados e continuaram a ser usados. Assim, um aluno relatou ter ganhado do avô uma caneta sem uso, transformada em relíquia de uma

pessoa querida, já ausente. Outro jovem mostrou um relógio antigo, de algibeira, que não mais funcionava: “Esse relógio me foi dado por meu pai, que o ganhou do pai dele. Quando o uso, sinto que pertencço à corrente de vida”. Esse utensílio, que passou a medir um não-tempo – ou melhor, um tempo existencial, um *kairós* –, é uma bela metáfora para eternidade, experimentada na linha contínua da amorosidade familiar. Mais adiante aparece outro relógio, também quebrado, que é usado cotidianamente por X: pertenceu a um amigo que, na hora da morte, pediu que fosse enviado a X. Só meses depois, a mãe do jovem falecido se lembrou do pedido. X recebeu o presente e o interpretou como um misterioso recado do amigo.

Uma estudante levou uma mecha de cabelos amarrados com uma fita azul. “Eram do meu pai...”, disse, com a voz embargada. Em seguida mostrou outra mecha, com fita vermelha. A classe entendeu imediatamente, antes mesmo que ela sussurrasse que os cabelos foram da sua mãe... falecida. Uma jovem africana relatou que, em seu país, conservava um copo: “Meu pai estava no hospital e eu o acompanhava. Ele me pediu água, eu lhe dei, naquele copo. Em seguida, ele morreu”.

Os óculos são ponte entre o mundo doméstico e o social. Alguns universitários relataram que, pela manhã, limpam minuciosa e sistematicamente seus óculos: se não o fazem, não se sentem seguros para mover-se em direção ao mundo exterior, ou ao complexo universo mental, através da leitura. Esse objeto nos remete ao conto “Campo Geral”, de Guimarães Rosa (in *Manuelzão e Miguilim*). O menino Miguilim, “piticego”, recebe emprestados os óculos do doutor José Lourenço e, antes de partir para a cidade a estudos, re-lê sua casa, sua mãe, os parentes. “O doutor entendeu e achou graça. Tirou os óculos, pôs na cara de Miguilim. E Miguilim olhou para todos, com tanta força. Saiu lá fora... O Mutum era bonito!... Olhava mais era para Mãe... Sorriu para Tio Terez: ‘Tio Terez, o senhor parece com Pai...’ Todos choravam”.

De modo semelhante, muitos jovens atribuíram valor simbólico ao livro “de papel”, ou ao lápis e à folha onde escrevem seus textos, manifestando a necessidade de contato corporal com os mediadores desse manuseio. Ainda como marco de conhecimento, uma aluna disse ter usado durante muito tempo um colar em espiral, da época em que ela sofreu o primeiro impacto das ideias de Hegel.

Uma categoria especial de símbolos são as fotografias, referidas com muita frequência. Elas estão em toda parte, espetadas em quadros de cortiça no quarto de dormir, colecionadas em álbuns, escondidas em algum canto da bolsa ou da carteira. Para Susan Sontag (2004, p. 171), as fotos conservam uma carga simbólica ancestral: “Nas sociedades primitivas, a coisa e sua imagem eram apenas duas manifestações diferentes, ou seja, fisicamente distintas, da mesma energia do espírito”. Permanece na fotografia uma genuína percepção de que se está diante de “algo mágico” que representa a “posse vicária de uma pessoa ou de uma coisa querida... que dá às fotos um pouco do caráter próprio dos objetos únicos”.

4.2. RITUAIS

Sendo comportamentos simbólicos que conferem sentido aos fatos da vida das sociedades e indivíduos, os rituais colocam seus participantes em relação. Os rituais proliferam no cotidiano de nossos jovens, articulam seus objetos poderosos e remetem a *seus* momentos significativos.

Um exemplo frequente são as refeições. Tomadas isoladamente, ensinam uma reflexão calma; quando reúnem parentes ou amigos, podem aprofundar relações. Nesse contexto, a sociabilidade é um dos aspectos mais importantes: uma estudante combinou um encontro mensal com seus amigos íntimos; jovens atores, antes de iniciar uma peça, dizem alguma frase ou fazem um gesto para “trocar energia”; diariamente, após as aulas,

um universitário encontra a namorada para comentarem os fatos ocorridos – esse momento tornou-se tão denso que motivou a reconciliação, após uma ruptura.

Mergulho no desconhecido de onde não se tem certeza de voltar, outro momento especial é o adormecer, repleto de marcos da infância e precedido de um invariável “boa noite, bênção” dirigido aos pais ou a quem está no quarto. O despertar, em que se sente “a energia voltar ao corpo”, é acompanhado de uma prece. Também a saída de casa, para ir à escola ou trabalho, é acompanhada da recitação de uma oração, “para ficar alerta” ou para obter proteção. Um ritual comum, de ruptura, é “matar aula” no cinema.

4.3. MITOS

Atravessando os objetos simbólicos e os rituais do cotidiano, e dando-lhes coerência, há mitos que são moldados no aqui-agora, ou no passado individual e na dinâmica geracional. De onde provém o poder de um *objeto poderoso*? O que torna um gesto ou uma ocasião passíveis de serem ritualizados? Ao longo desse experimento pedagógico, os relatos mais significativos envolviam vivências em família (mitos de origem), ou junto a amigos ou a parceiros amorosos (mitos de destinação). No fundo dessas situações, havia como uma muda oração, enunciada de modo intenso: “Sou amado; pertenço; sou aceito como sou”. Integrando a dinâmica vital, esse mito é experimentado e ressignificado. Essa vivência ocorre em dois níveis.

O *primeiro* nível situa-se nas relações interpessoais. Aspecto fundamental citado com frequência é que os acontecimentos, roupas ou adereços “profanos” se revestem de sacralidade porque foram doados por pessoas com quem se permutam afetos. Os mitos relativos à pertença familiar e/ou a um círculo de amigos propiciam a acumulação de significados nos objetos. Por exemplo, uma estudante judia mostra um chaveiro que trouxe de

Israel: “Nele eu coloquei a chave da casa de meus pais, agora acrescentei a chave de meu carro e pretendo colocar a chave de minha casa, quando encontrar um marido”. Para surpresa geral, outra aluna, emocionada, exhibe o próprio umbigo: “Foi tratado com ervas quando nasci e adquiriu esse formato especial graças a uma fórmula que minha avó usou em minha mãe, e ela em mim”. A mesma jovem tira da carteira uma foto em que um adulto levanta uma bebezinha com uma das mãos: “Essa sou eu, com meu pai...”. Outra estudante mostra sua tatuagem representando a silhueta de um bebê: “Minha mãe tem uma tatuagem igual, que mandou fazer nela quando eu nasci”. Nos relatos, a avó e o avô são apontados como importantes atribuidores de significado: muitos objetos tornam-se poderosos porque foram dados por eles. O avô ou avó protagonizam outras circunstâncias importantes, marcadas pela ausência: sua morte, quando os sujeitos sonham com eles, sentem sua presença ou vão periodicamente ao cemitério conversar com um deles. Para muitos jovens, esse foi o primeiro contato explícito com a morte.

O *segundo* nível mítico resulta da expansão de experiências individuais em direção a contextos mais amplos. Ao ampliarem a compreensão dos símbolos pessoais, os universitários rompem com o isolamento e o narcisismo. Para o sujeito, uma vivência se torna relevante quando a percebe exclusiva; contudo, na partilha e na escuta de relatos alheios, cada um se dá conta de que seus símbolos e rituais não são nem naturais nem apenas mágicos, mas que resultaram de uma construção. Essa descoberta motivou vários estudantes a pesquisarem, em outras culturas, os significados relativos a *seus* objetos e rituais.

Parte integrante das sociedades, os símbolos integram uma complexa rede de poder que envolve submissão e/ou resistência. Desvelar essas relações e articulá-las às situações peculiares de seus alunos é uma fecunda possibilidade de educação política.

4.4. EFICÁCIA

O que leva os jovens a acreditar em seus materiais simbólicos? A origem dos objetos poderosos, rituais e mitos do cotidiano parece situar-se num plano mais profundo: a religiosidade. Esta é vivida sobretudo como bem-estar, harmonia, proteção, sorte, gratuidade, alteridade e mais como sentido (“quando essas coisas deixaram de fazer sentido para mim, parei de usá-las”) do que como conceito (“não sei por que uso isso”; “não sei a origem dessas coisas”).

A eficácia dos símbolos pessoais, portanto, está em que, através deles, se sente um acréscimo de energia, um reforço na confiança que leva ao crescimento. Os objetos e gestos enraízam-se aos poucos na vida de cada sujeito, do que resulta a impressão de que ele é especial, o que explica a timidez em relatar tais vivências. Daí, também, o respeito com que os colegas as escutam, pois percebem que estão vivendo algo semelhante.

As pessoas atribuem significados porque determinadas ações “deram certo”. Com efeito, um aluno relatou ter feito uma oração antes de determinada prova e, diante do bom resultado, passou a repetir esse gesto em situações semelhantes; essa repetição também se verifica depois que se usou determinado traje – esportivo ou roupa íntima – e se obteve o efeito pretendido, de vitória ou sedução. Em tempos de insegurança, nossos sujeitos atribuem poderes mágicos a seus objetos, tais como “afastar mau olhado”, “dar proteção”, “evitar doenças” e “trazer sorte”. Mesmo alguns rituais de religiões “cultivadas” – o pessah e a eucaristia – podem assumir valor propiciatório, deixando em segundo plano o envolvimento pessoal com o transcendente.

O componente pragmático abre espaço para bricolagens. Assim, uma aluna judia relatou que sua empregada, de origem católica, beijava todos os dias o mesusá na soleira da casa dos patrões. Perguntada se sabia o

significado do gesto, a empregada respondeu: “Não sei não, mas se isso é bom para vocês, pode ser bom para mim também”. Assim, o pragmatismo aparece na Teologia da Prosperidade neopentecostal, com suas curas, exorcismos e a melhoria de vida dos fiéis, aqui e agora. Karen Armstrong (2005, p. 24) alerta que um mito só é verdadeiro se for eficaz, se funcionar, dando novas esperanças e impelindo a viver de modo mais completo, ajudando-nos a encontrar sentido em nossas vidas.

CONCLUSÃO

As frequentes menções dos estudantes ao experimento aqui relatado reforçam a convicção de que foi tocado um nervo sensível e que neles haveria pistas para se desenvolver uma pedagogia apoiada na religiosidade. Obviamente, o avanço da reflexão a esse respeito mostrará múltiplas possibilidades educacionais em que a religiosidade é acionada e explicitada sua relação com o mistério.

A vitalidade dos símbolos se manifesta na plasticidade dos objetos, na diversidade de seus significados e na capacidade de se mesclarem às dinâmicas cotidianas. A par do fascínio que tais atividades suscitaram, pode-se perguntar se esses símbolos, rituais e práticas solidárias representam efetivo amadurecimento.

Enquanto alguns jovens dizem que abandonaram objetos a que já estiveram profundamente ligados, outros revelam, um tanto embaraçados, sua aderência a lembranças de infância. Com frequência, os jovens reconhecem-se pouco à vontade quando não portam determinado objeto, ou não repetem certas ações: “Se não tomar café, com calma, sinto falta”; “Não gosto quando durmo fora de casa, e não levo meu ursinho”; “Não consigo viver sem meu anel de compromisso”; “Se não fizer as rotinas da manhã em determinada ordem, sinto-me esquisita”. Durante os relatos, os universitários questionaram se o material simbólico não seria uma espécie de muleta que, com o tempo, será deixada de lado.

Parece haver cuidado para não se deter na materialidade da experiência apresentada, pois sua natureza profunda decorre das inter-relações que as envolvem. Essas relações são ambivalentes e podem significar ora libertação e expansão, ora apego ao passado ou consumo de emoções. As conquistas no campo simbólico desafiam o educador e oferecem pistas. Sua paulatina decifração representará um passo importante no delineamento do perfil da religiosidade do jovem, fonte desses signos.

TO EDUCATE IN RELIGIOUSNESS: RESEARCH AND EXPERIMENTS WITH UNIVERSITY STUDENTS

Abstract

This article discusses aspects of the research “Profile of religiousness of university students - a case study at the Pontifical Catholic University of Sao Paulo, Brazil”. The objective of this exploration is to understand the young religious experience, especially in university, within modernity, at the same time secular and thirsty for meaning to existence. Our starting point is the concept of religiousness as “a human capacity, history and culturally determined, to draw up ways for the whole of existence.” This understanding is nourished upon the ideas of Georg Simmel (1858-1918). Here the quantitative data were left aside and we reflected on strategies and experiments based on the young religiousness.

Key words: Religiousness. Religion. Modernity. Youth. Education.

NOTAS

- 1 Pesquisa liderada pelo autor com a participação dos docentes Regina Pereira Lopes, Maria Celina Q. Cabrera Nasser, Antônio Martini, Eulálio Figueira, Yara G. de Castro (assessoria estatística). Participaram 42 bolsistas de Iniciação Científica.
- 2 Mais sobre o filósofo em RIBEIRO, J. C. “Georg Simmel, pensador da religiosidade moderna”. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_ribeiro.pdf

- 3 In: RIBEIRO, J. C. “Um perfil de docente – a dimensão existencial em Introdução ao Pensamento Teológico” (mimeo)
- 4 Cito aqui o romance de Arundhaty Roy que se intitula *O Deus das pequenas coisas* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998).
- 5 Prática fecunda, em que é proposto aos alunos que pesquisem a origem familiar e as circunstâncias de escolha do próprio nome, é desenvolvida por docentes do Depto. Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP, como Jozimas G. Lucas. Ver também: NASSER, Maria Celina. “*O uso de símbolos – sugestões para a sala de aula*”.
- 6 Realizado pela MTV do Brasil, o dossiê “Universo Jovem” de 1999 (p. 42-48) detalha a intensa relação dos jovens com seu quarto.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, K. *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.

FONAPER in KLEIN, R. O lugar e o papel dos símbolos no processo educativo-religioso. *Estudos Teológicos*, v. 46, n. 2, p. 74-83, 2006.

GUIMARÃES ROSA, J. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HERVIEU-LEGER, D. *Le pèlerin et le converti*. La religion en mouvement. Paris: Flammarion, 1999.

_____. *La religion en miettes ou la question des sectes*. Paris: Calmann-Lévy, 2001.

HERVIEU-LEGER, D. e WILLAIME, J-P. *Sociologies et religion – approches classiques*. Paris: PUF, 2001.

MTV. *Dossiê Universo Jovem*. São Paulo: Wilma Rocca & Associados, 1999, 2000, 2005.

NASSER, M. C. C. *O uso de símbolos – sugestões para a sala de aula*. São Paulo: Paulinas, 2006.

PIERUCCI, A. F. in “Religião assume o capitalismo, diz sociólogo”, Folha de S. Paulo, 13/12/2005.

ROY, A. *O Deus das pequenas coisas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIMMEL, G. *Essays on religion*. Yale: Yale University Press, 1998.

SONTAG, S. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Enviado em 07 de novembro de 2008

Aprovado em 09 de fevereiro de 2009